

Análise semiótica de “Assim já ninguém chora mais”

Semiotic analysis of “Assim já ninguém chora mais”

Andréia Cassiatorre

Mestre em Letras pela Universidade

Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Resumo

Este trabalho tem como objetivo fazer a análise semiótica da canção Assim já ninguém chora mais contida no CD Arte em Movimento do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. A análise será desenvolvida nos três níveis do percurso gerativo de sentido.

Abstract

The objective of this work is to produce a semiotic analysis of the lyric Assim já ninguém chora mais recorded in the CD Arte em Movimento distributed by the MST – Rural Landless Workers Movement. The analysis will be developed into three levels of the generality trajectory by each of the five senses.

Palavras-chave

Análise semiótica, discurso do MST, letra de canção

Key words

Semiotic analysis, speech of Movement of the Landless, lyrics

Nível fundamental

Esta letra é de autoria de Zé Pinto (integrante do Movimento) e interpretada por Zé Geraldo. Abaixo, segue a letra da canção na íntegra:

- 1 Sabemos que o capitalista
- 2 diz não ser preciso
- 3 ter Reforma Agrária
- 4 Seu projeto traz miséria
- 5 Milhões de sem terra
- 6 jogados na estrada

- 7 com medo de ir prá cidade
 8 enfrentar favela
 9 fome e desemprego
 10 Saída nessa situação
 11 é segurar as mãos
 12 de outros companheiros.
- 13 E assim já ninguém
 14 chora mais
 15 ninguém tira o pão
 16 de ninguém
 17 O chão onde pisava o boi
 18 é feijão e arroz,
 19 capim já não convém.
- 20 Compadre, junte ao Movimento
 21 Convide a comadre
 22 e a criançada
 23 Porque a terra só pertence
 24 a quem traz nas mãos
 25 os calos da enxada
 26 Se somos contra o latifúndio
 27 da Mãe Natureza
 28 Somos aliados
 29 E viva a vitória no chão
 30 Sem a concentração
 31 dos latifundiários.
- 32 Seguimos ocupando terra
 33 derrubando cercas
 34 conquistando o chão
 35 Que chore o latifundiário
 36 pra sorrir os filhos
 37 de quem colhe o pão
 38 E a luta por Reforma Agrária
 39 a gente até pára
 40 se tiver, enfim
 41 coragem a burguesia agrária
 42 de ensinar seus filhos
 43 a comer capim.

Também nessa letra, temos as mesmas categorias fundamentais. A semiótica já pensou, antes, que as categorias fundamentais permaneciam inalteradas do início ao final do texto. Hoje já se admite que elas podem variar ao longo dele, uma vez que nossos discursos são “versões públicas do mundo” (MARCUSCHI, 2003, p. 15). Entretanto, nesses textos, de curta extensão, e com função de pregação claramente panfletária das idéias do MST e de passionalização dos seus receptores, as categorias fundamentais permanecem sempre as mesmas do começo ao final dos textos, variando somente em intensidade eufórica e disfórica. Nesse texto as categorias semânticas fundamentais são *extensão vs concentração*, que resume de maneira abstrata, o conteúdo geral do texto, onde apreendemos o mínimo de sentido sob o qual o discurso se constrói. O termo extensão é considerado eufórico e atraente e, o termo concentração, disfórico e repulsivo. Esse texto constrói sua (s) leitura (s) orientada

no sentido da passagem da concentração à extensão. Abaixo, seguem as operações de afirmação e negação:

(afirmação)	(negação)	(afirmação)
concentração	não-concentração	extensão
(disforia)	(não-disforia)	(euforia)

Trata-se de um texto euforizante, ou seja, que vai da disforia à euforia. São essas as categorias, os elementos de suas oposições semânticas fundamentais que, no nível da sintaxe narrativa, são assumidos como valores pelos sujeitos e circular entre esses sujeitos. Por meio da ação dos sujeitos, no caso dessa narrativa, os sujeitos que defendem o projeto capitalista de concentração de terras e os que defendem o projeto de “reforma agrária”, os sem-terra. É o que veremos a seguir.

O nível narrativo

O título dessa letra “Assim já ninguém chora mais”, em si mesmo, já sugere uma receita de como fazer para transformar um estado disfórico, pressuposto, de sofrimento. Essa receita vem na forma de um discurso de palanque, realizado por um destinatador coletivo, nós, para o destinatário, também coletivo, na medida em que se destina aos “milhões de sem-terra”, ao “compadre” à “compadre”, à “criança”, aos filiados e ainda não filiados ao “Movimento” do MST e até mesmo ao “capitalista”, “à burguesia agrária”. Os ingredientes da comunicação dessa receita ou proposta resumem-se em: abandono do projeto capitalista e adoção do projeto de reforma agrária do MST. Portanto, trata-se de uma performance que pode ser assim compreendida: o MST, como um nós, faz o povo (ou a nação toda) conjunto com seu projeto, manipulando-o para que creia na proposta e assum-a. Como a letra apresenta isso?

Nessa letra temos, basicamente, dois actantes no papel de destinadores, propondo contratos diferentes e conflitantes: os sem-terra do MST e os capitalistas latifundiários. Está pressuposto, no enunciado argumentativo do primeiro, a existência de um contrato proposto pelos capitalistas (S1) no qual comunica ao povo ou ao país (S3) um projeto, o “seu projeto”. Essa comunicação poderia ser formulada assim:

PN1: [F(S1 à (S3 Ç Ov, projeto capitalista)]

A narrativa implícita também a existência de um PN2, de manipulação realizado pelos capitalistas, para dotar o povo e o país da competência modal necessária para realizar a adoção do projeto proposto. Uma das estratégias é a indisposição da coletividade para com o projeto do seu oponente, o MST, por meio da atribuição do não-dever-fazer ao povo, como fica bem claro no enunciado argumentativo dos sem-terra, em forma de discurso indireto, quando afirma: “sabemos que o capitalista diz não ser preciso ter Reforma Agrária”. Esse PN de manipulação pode ser representado como segue:

PN2: [F(S1 à (S3 Ç Om, não-dever-fazer, adotar o projeto de reforma agrária)]

Esses são dois programas narrativos que formam o percurso do sujeito capitalista, as ações em que ele empenha-se para tentar impor o seu projeto. Dizemos “para tentar impor” porque, como sabemos, a proposição do projeto pela performance de manipulação não garante a assunção do querer dos destinatários, isto é, a aceitação do projeto. Trata-se de um processo de manipulação que não consegue fazer os sem-terra crerem na idoneidade do proponente e nem em sua proposta. A narrativa da letra deixa claro que os destinatários sem-terra recusaram-na, permanecendo sujeitos do não-querer-fazer com relação ao projeto capitalista. Assim, como sujeitos que condenam o projeto capitalista, os sem-

terra assumem o papel de destinador, propondo, por sua vez, o próprio projeto de “Reforma Agrária”, o que pode ser representado assim:

PN3: [F(S2 à (S3 Ç Ov, projeto de reforma agrária)]

A proposição desse projeto é o foco principal da narrativa. Para impor esse projeto de reforma agrária, S2, os sem-terra do MST realizam, como informa a letra, um PN4, de manipulação em duas direções e que toma o maior espaço da letra da canção.

Primeiro, uma ação manipulatória para criar indisposição do povo ou do país em relação ao projeto capitalista. A ação é, pois, para atribuir-lhes a modalidade do não-querer-fazer, para criar neles um estado de nolição em relação ao projeto capitalista. Para isso utiliza o tipo de manipulação por intimidação, em que o destinador propõe ao destinatário objetos de valor negativo, ou seja, se o país ou o povo adotar o projeto capitalista conseguirá, como ganho, apenas os seguintes objetos de valor: a “miséria”, “milhões de sem-terra jogados na estrada” o “medo de ir pra cidade”, a “favela”, a “fome”, o “desemprego”, a falta de terra para sobreviver.

Estado juntivo disfórico do povo resultante da adoção do projeto capitalista		
Sujeito	Estado juntivo	objeto de valor
S3: povo ou o país	○	miséria abandono, jogados na estrada medo de ir pra cidade favela fome desemprego falta de terra (poder-fazer)

Esse simulacro de um quadro negativo funciona como manipulação por intimidação, um empenho para modalizar os sujeitos com o não-dever-fazer em relação ao projeto latifundiário dos capitalistas. A argumentação é dirigida, também, ao destinador do projeto latifundiário, na medida em que a argumentação entra na questão do valor do objeto perseguido pelo projeto dos latifundiários, tomando-o metonimicamente e, assim, desmerecendo o seu valor: “A luta pela Reforma Agrária / a gente até pára / se tiver, enfim / coragem a burguesia agrária / de ensinar seus filhos / a comer capim”.

PN4: [F(S2 à (S3 Ç Om, não-dever-fazer)]

Em segundo lugar, o destinador manipulador, o MST, age no sentido de dotar o povo da modalidade do querer-fazer e do dever-fazer em relação ao seu projeto de reforma agrária, pois o que deseja é que o povo conceba esse projeto como desejável e indispensável. A realização do PN4, descrito acima, funciona, também, na direção da atribuição do dever-fazer ao povo em relação ao projeto de reforma agrária, pois se não se deve adotar o projeto capitalista é porque o projeto de reforma agrária é melhor ou, no mínimo, uma alternativa.

PN5: [F(S2 à (S3 Ç Om, dever-fazer)]

Quanto à atribuição do querer-fazer, ela é realizada por meio da manipulação por tentação, o oferecimento de objetos de valor positivo ao destinatário. As coisas boas oferecidas em recompensa nesse contrato proposto são expressas como seguem: “ninguém chora mais”; “ninguém tira o pão de nin-

guém, “o chão onde pisava o boi é feijão e arroz”, o sorriso dos “filhos de quem colhe o pão”, “a vitória no chão”.

PN6: [F(S2 à (S3 Ç Om, querer-fazer)]

O passo seguinte do sujeito MST, no papel de destinador, é a proposição de que todos se unam ao “Movimento” do MST. A performance que pretende ver realizada pode ser expressa da seguinte maneira:

PN7: [F(S2 à (S3 Ç Ov, MST, união ao Movimento)]

Para isso, empenha-se na ação manipulatória, por meio de fórmulas imperativas; “junte” ao movimento, “convide” a comadre, cujo efeito coercitivo é evidente, mas atenuado pelos vocativos, “compadre” e “comadre”, utilizado para interpelar o interlocutário: “Compadre junte ao movimento / convide a comadre / e a criançada”. O destinador, para fazer o destinatário crer e aceitar a proposta de união ao “Movimento”, reforça seu empenho manipulatório por meio da sedução, fazendo uma boa imagem do destinatário, declarando-o um sujeito que tem direito à terra, porque “traz nas mãos os calos da enxada”. Em seguida, por meio da inclusão do destinatário na coletividade de um “nós” ecologicamente correto, aqueles que são “contra o latifúndio da Mãe Natureza”, conclui: “Somos aliados”. Mas a boa imagem do destinatário, construída de maneira crescente, para formar um simulacro sedutor, não pára aí, pois o destinador, logo que apresenta o destinatário como um “aliado”, já emite um “viva a vitória no chão / sem a concentração / dos latifundiários”, como se o destinatário já fosse, além de “aliado”, um membro em ação no Movimento. Todo esse empenho de manipulação visa a fazer o destinatário crer na proposta e, assim, assumir as modalidades do dever-fazer e do querer-fazer para realizar a performance de conjunção com o MST. Esse PN de manipulação pode ser expresso como:

PN8: [F(S2 à (S3 Ç Om, dever-fazer e querer-fazer)]

Por último, o destinador propõe as ações subordinadas ao seu projeto de reforma agrária: o PN9 de ocupação de terra e, para isso, o PN10 de derrubada de cercas das terras dos latifundiários. A ação de ocupar é um PN de conjunção espacial, em que o sujeito disjunta-se de um não-lugar, (explicitado em outras letras como “debaixo da lona preta” às margens de rodovia, as favelas) que lhe foi imposto por uma ordem econômica, e conjunta-se com um território do outro cuja posse lhe é proibida. Denominamos PN9 essa performance de conjunção espacial considerada ilegal e, PN10, a performance de quebra de limites legais dos espaços desejados pelos sujeitos.

PN9: [F(S2 à (S2 Ç Ov, espaço, terra)]

PN10: [F(S2 à (S=terra È Ov, cerca, limites)]

Não é por acaso que as letras e o discurso em geral do MST trazem sempre a referência narrativa a esses programas narrativos. Trata-se de um empenho do enunciador para convencer o enunciatário a reconstruir sua identidade de submisso para a de insubmisso. Segundo Landowski (2002, p. 71),

Semioticamente falando, é coisa já entendida, não há espaço-tempo como referente puro ou como objeto de estudo dado *a priori*. Só há sujeito que, através das modalidades variáveis da apreensão de seu ‘aqui-agora’, constrói as condições de sua relação consigo mesmo, como ‘eu’. Desse ponto de vista, toda construção identitária, toda ‘procura de si’, passa por um processo de *localização do mundo* – do mundo como alteridade e como presença (mais ou menos ‘presente’) em relação a si. E inversamente, toda exploração do mundo, toda ‘viagem’, enquanto experiência de relação com um aqui-agora sem cessar redefinível, equivale a um processo de construção do eu.

Pela força simbólica desse programa de disjunção espacial na constituição do sujeito do Movimento (de sua identidade), é que os PNs de ocupação e de derrubada de cercas são constantemente referi-

dos nos discursos verbais do MST e, sobretudo nos discursos visuais que constroem para os meios de comunicação. Em suma, o esquema narrativo da letra é o que o gráfico, abaixo, demonstra:

Esquema narrativo da letra			
PNs do destinador		Vs	PNs do antedestinador
PN: Comunicação do MST	PN3: [F(S2 → (S3 ∩ Ov, projeto de reforma agrária))] PN4: [F(S2 → (S3 ∩ Om, não-dever-fazer))] PN5: [F(S2 → (S3 ∩ Om, dever-fazer))] PN6: [F(S2 → (S3 ∩ Om, querer-fazer))] PN7: [F(S2 → (S3 ∩ Ov, MST, união ao Movimento))] PN8: [F(S2 → (S3 ∩ Om, dever-fazer e querer-fazer))] PN9: [F(S2 → (S2 ∩ Ov, espaço, terra))] PN10: [F(S2 → (S=terra ∪ Ov, cerca, limites))] 		S1

O lado esquerdo do esquema do gráfico abriga os sujeitos, os objetos e as ações que dão concretude àquela categoria fundamental da extensão, pois os sujeitos, aí, estão em busca da liberação da terra das mãos da “burguesia agrária”, como afirma o texto, para as mãos de “milhões de sem-terra”. O lado direito do esquema abriga os sujeitos, objetos e ações dos que buscam a concentração da terra para poucos. Há o lado do bem e o lado do mal, como nas narrativas dos textos religiosos.

Conforme Tourinho Neto (2000, p. 187-8), “A reforma agrária, além da finalidade que lhe é natural, tem uma outra grande função: fixar o homem rural no campo. O que vem ocorrendo é que o trabalhador expulso da zona rural vem para a cidade se animalizar, se embrutecer”.⁴ O autor cita ainda José Graziano da Silva: “O trabalhador sai do campo e como trabalhador rural vem ser bóia-fria favelado; ou vai ser trombadinha, prostituta etc. Essa é a ambição fundamental da reforma agrária brasileira: dar ao trabalhador rural a condição de ser gente, de ser cidadão brasileiro”.

Sobre organização, vejamos o que diz Lenine (1982, p. 158-165):

A organização de operários deve ser, em primeiro lugar, sindical; em segundo lugar, deve ser o mais ampla possível; em terceiro lugar, deve ser o menos clandestina possível [...]. Se começarmos por estabelecer de uma maneira sólida uma forte organização de revolucionários, podemos assegurar a estabilidade do movimento no seu conjunto e atingir os objetivos.

A respeito da necessidade da distribuição da terra, devemos ouvir, ainda, Tourinho Neto (2000, p. 185):

“Milhões de brasileiros dependem da terra para sua subsistência, e todos dependem da sua boa utilização para sobreviver. Logo, o problema agrário não é só um problema do homem do campo, mas de todo brasileiro, quicá do mundo. [...] É preciso, outrossim, que se conscientize que a reforma agrária não pode ser resumida tão-só na distribuição de terras, mas na melhoria das condições de vida da população rural, em dar condições ao rural para produzir, em dar assistência médica, odontológica e escolar. Necessário, igualmente, que os assentamentos tenham luz, água, esgoto. Caso contrário, teremos uma *favelização rural*. O Governo proclama que para isso não tem verba, no entanto tem dinheiro para cobrir os rombos dos bancos.”⁵

Pelo que observamos de nossas leituras dos textos e de muitos textos acadêmicos sobre o discurso do MST é que, de maneira geral, elas parafraseiam ou são parafraseadas pelos textos dos estudiosos do MST.

Paixões ou estados de alma

A seguir, analisamos algumas paixões. Apresentamos, no quadro abaixo, o arranjo modal das paixões vividas pelos sujeitos no texto:

Sujeitos	Arranjo modal	Paixões ou efeitos de sentido
S2	Querer-ser / saber-não-ser / crer-não-ser Querer-ser / não-crer-ser / saber-não poder-ser Querer-ser / saber-não-ser / crer-poder-ser Querer-ser / crer-ser / saber-ser	Falta Insatisfação e decepção Coragem Felicidade
S1	Querer não fazer o bem	Hostilidade

No contrato estabelecido entre os dois actantes, S2 vive o estado de espera. A espera gera um estado tenso de disjunção. Este estado conduz ao sentimento de falta, de ausência do objeto. Ao romper o contrato estabelecido, S2 vive a paixão da insatisfação e decepção. O sujeito S2 assume sua função de sujeito do fazer e realiza a performance principal da narrativa, e fica conjunto com seu objeto valor terra.

Ao realizar a transformação de estado juntivo, S2 vive a paixão da felicidade. Assim, o sujeito passa das paixões tristes às alegres, devido à própria relação sujeito-objeto. Aqui, como nas demais letras, fica delineado o modo de ser do sujeito sem-terra que, como vimos é sempre o modo de ser da coragem, não o modo de ser da preguiça.

Nível discursivo

Projeção da enunciação e efeitos de sentido

A debreagem que instala uma pessoa *eu* é sempre enunciativa. Na letra, há uma cena de interlocução de um eu que se dirige a um tu, percebemos isso: “Compadre junte ao Movimento / Convide a comadre / e a criançada”.

O eu harmoniza-se com o aqui e o agora. Assim, o conteúdo do texto é narrado em um tempo agora, projetando *eu-aqui-agora*. A debreagem enunciativa produz o efeito de proximidade da enunciação, de envolvimento com os fatos narrados e, portanto, de subjetividade e verdade. A reprodução da enunciação dentro do discurso tem um valor metafórico em relação a enunciação propriamente dita.

O actante da enunciação assume, porém, a figura de uma coletividade, através do nós inclusivo, sendo o ator figurativizado como trabalhadores rurais sem terra do movimento do MST. Essa projeção de primeira pessoa instala um narrador explícito, que participa dos fatos contados.

Quanto ao tempo projetado, a referência é o agora, realizado com o presente do indicativo, (como observamos alguns verbos “sabemos”, “somos”, “seguimos”, “para”, “diz”), tempo de referência a partir do qual se organiza um antes “O chão onde pisava o boi”, e um depois “Que chore o latifundiário”. As marcas que determinam a debreagem temporal indicam uma concomitância com o momento da enunciação.

Mas o enunciador utiliza outra estratégia além da debreagem enunciativa, com a finalidade de fazer crer, de aspectualizar a luta dos sem-terra como algo histórico e, num passado, concluída. Para conseguir esse efeito de ação ocorrendo no presente, ocorrida no passado e contínua, utilizou-se a debreagem enunciativa, como podemos observar os versos que seguem: “o capitalista / diz não ser preciso / ter Reforma Agrária / Seu projeto traz miséria / Milhões de sem terra / jogados na estrada / com medo de ir pra cidade / enfrentar favela / fome e desemprego”, “E assim já ninguém / chora mais / ninguém tira o pão de ninguém / O chão onde pisava o boi”, Porque a terra só pertence / a quem traz nas mãos / os calos da enxada”. O uso do gerúndio em alguns versos indica que a marca aspectual é de cunho durativo, produzindo o efeito de ação contínua e progressiva: “Seguimos ocupando”, “derrubando”, “conquistando”.

A debreagem enunciativa produz o efeito de sentido de objetividade e de distanciamento dos fatos

narrados. A reprodução da enunciação no discurso tem um valor metonímico em relação à enunciação propriamente dita.

Quanto ao espaço, recupera-se o aqui nos termos: “a terra”, “o chão”. No entanto, considerando a debreagem enunciativa e a ancoragem do texto em um lugar pressupostamente conhecido e indesejado pelo sujeito: “cidade”, “favela”, recuperamos o lá. Todas essas estratégias de efeitos de sentido são utilizadas pelo enunciador com a finalidade de convencer o enunciatário da aceitabilidade dos fatos relatados.

Dessa forma, como vimos nas letras anteriores, os discursos alternaram debreagens e embreagens com a finalidade de produzir vários efeitos de sentido. Nesse texto, utilizou-se desembreagens paralelas ou alternadas, pois o discurso empregou os dois tipos de debreagem.

Tematização e figurativização

Em Assim já ninguém chora mais, o percurso narrativo implícito do antidestinador (PN1) que nega o poder-fazer ao sujeito sem-terra, por meio do projeto capitalista de concentração de terras, é tematizado como injustiça (na isotopia político-social), pelo fato de concentrar a terra nas mãos de poucos, expropriando os agricultores da terra e, conseqüentemente, dos meios de produzir sua subsistência. Esse tema encadeia-se com o tema da exclusão. Vejamos as figuras: “o capitalista / diz não ser preciso / ter reforma Agrária / Seu projeto traz miséria / Milhões de sem terra / jogados na estrada”. O antidestinador é figurativizado como “capitalistas”, “latifundiários”, “burguesia agrária”.

Assim como em outras letras, o revestimento figurativo dos temas é mais delineado no percurso do ator sem-terra do que no do ator latifundiário, o que revela, pelo ponto de vista adotado, qual partido ideológico o enunciador toma.

É preciso, pelo menos, pensar aqui, na questão do enquadramento dos temas da injustiça e da justiça, por uma isotopia que torne coerentes ou que estabeleça os sentidos deles no discurso dos sem-terra e no discurso dos “capitalistas” ou “burguesia agrária”. Os capitalistas propõem e defendem um modelo econômico e os sem-terra um modelo político, duas coisas bem diferentes e que, por isso mesmo, não foram utilizadas por nós como categorias de base. O que é justo ou injusto, para os capitalistas, enquadra-se na isotopia jurídica que organiza e sustenta o modelo econômico do capitalismo. Trata-se, portanto, da justiça e da injustiça prevista em lei, na letra da lei, único meio que lhes dá existência reconhecida. Mas, no caso da justiça e da injustiça dos sem-terra, que isotopia enquadraria esses temas? A resposta é que, professando um modelo político, o socialismo, a isotopia que dá sentido e coerência ao discurso da justiça/injustiça dos sem-terra é a isotopia político-social e não jurídica. Por isso mesmo é que os dois lados da contenda da luta pela terra afirmam estar agindo corretamente. Eles falam, conforme afirma Maingueneau, as mesmas palavras, mas, com elas, não falam das mesmas coisas.

Acreditamos que é preciso considerar, ainda, uma isotopia religiosa que confere sentido e coerência ao discurso da justiça/injustiça dos sem-terra, uma vez que seu discurso estabelece os lados do bem e do mal, do egoísmo e da solidariedade, valores que são mais objetos de crença do que entidades legais.

Podemos afirmar que o discurso desse texto está ancorado no discurso de Reforma Agrária do MST (RODRIGUES, 2001), onde a reivindicação pela reforma agrária é uma questão de cidadania, que implica a divisão da terra, cuja finalidade é que seja cumprida sua função social. A partir dos versos “a terra só pertence / a quem traz nas mãos / os calos da enxada”, podemos considerar que a terra é para aqueles que querem cultivá-la, que precisam sobreviver dela. Considerando a história da Revolução

cubana que, de certa forma, deu-se como um “conflito rural”, os versos acima podem ser enunciados do discurso dessa revolução. Conforme Fonseca e Veiga (apud RODRIGUES, 2001, p. 57), “a primeira lei que a Revolução [cubana] adotou, [...] foi a lei da Reforma Agrária”. A efetivação da Reforma Agrária em Cuba foi possível graças a mudança de “modelo econômico e modelo de sociedade”.

Neste sentido, o MST incorpora, de certa forma, o discurso socialista e o da religião cristã ao afirmar que todos têm os mesmos direitos, são iguais perante a lei e que tudo deve ser dividido, sem egoísmo e com solidariedade. Assim, eles estão contribuindo para a construção de uma nova sociedade: a sociedade igualitária.

Referências

BARROS, D. L. P. de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997.

_____. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2001.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Elementos de análise do discurso**. 10. ed. São Paulo: Contexto, – (Repensando a Língua Portuguesa), 1997.

LANDOWSKI, E. **Presença do outro**. Paris: PUF, 2002.

LENINE, V. I. **Obras escolhidas**. 2. ed. São Paulo: Editora Alfa – Omega, 1982. 1 v.

MARCUSCHI, L. A. Atividades de referenciação no processo de produção textual e o ensino de língua. In: SILVA, D. E.G. da, LARA, G. M. P., MENEGAZZO, M. A. (org.). **Estudos de linguagem: inter-relações e perspectivas**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003.

MST. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **CD Arte em Movimento**. Compact disc - digital áudio – MSTCD01. Discograf gravações, 1998.

RODRIGUES, M. L. **Introdução ao estudo da ideologia que sustenta o MST**. 136 p. Dissertação de Mestrado (Área de concentração: Estudos lingüísticos) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Três Lagoas – MS, 2001.

STROZAKE, J. J. (Org.) **A questão agrária e a justiça**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2000.

TATIT, L. **Análise semiótica através das letras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.